



## ***A PARÁBOLA DO SEMEADOR: OCTAVIA BUTLER***

**BUTLER, OCTAVIA F. *A PARÁBOLA DO SEMEADOR: SEMENTE DA TERRA* VOLUME 1. 1A ED. TRADUÇÃO DE CAROLINA CAIRES COELHO. SÃO PAULO: EDITORA MORRO BRANCO, 2018.**

**Camila Bylaardt Volker\***

\* [camilabyla@gmail.com](mailto:camilabyla@gmail.com)  
Doutora em Teoria Literária pelo Programa de Pós-Graduação em Literatura da UFSC. Professora Adjunta de Teoria Literária no Centro de Educação, Letras e Artes da Universidade Federal do Acre.

Vi um vídeo em que pessoas, nas estradas da fronteira entre o Brasil e o Peru, tentavam fugir do país por causa da crise deflagrada pelo coronavírus. Fiquei me perguntando quem eram essas pessoas. Elas fugiam do Brasil para o Peru; mas e depois? A crise humanitária em Assis Brasil, no Acre, só se agrava; saber quem são essas pessoas e para onde vão não é tão simples. Fiquei com o que estava mais evidente: a fuga. Ainda que a elucidação das circunstâncias me ajudasse a compor as histórias desses fugitivos, de algum modo, a exposição a uma travessia dessas, com poucos pertences e com desconhecidos, já trazia a urgência do desespero dessas pessoas. Eram

duplas, trios, alguns grupos maiores; algumas levavam crianças no colo, muitos carregavam mochilas; andavam em uma mesma direção, tomando alguma distância uns dos outros. O leitor pode se perguntar qual a razão de mencionar esse vídeo em uma resenha: essa cena eu já tinha lido em *A parábola do semeador*.

Eis que a cena de um livro, publicado em 1993 nos Estados Unidos, se materializa. O romance só foi traduzido para o português em 2018. Essa tradução justificaria falar um pouco sobre ele, uma vez que é um recém chegado ao nosso país. Os 25 anos que separam a sua primeira

publicação e a sua primeira tradução para o português brasileiro são intrigantes: Octavia Butler (1947-2006) é uma escritora de obra vasta e premiada. Ganhou o Hugo, o Nebula, o Locus - prêmios importantes para escritores de ficção científica... Mas mesmo com tantas premiações, ela começou a ser traduzida para o português somente em 2017, com *Laços de Sangue*, que saiu pela editora Morro Branco, a mesma que trouxe à tona a tradução de *A parábola do semeador*. A tradução de Carolina Caires Coelho é harmônica; vemos alguns erros de revisão, mas não é nada que comprometa a leitura muito fluida da narrativa.

A tradução, no entanto, mesmo tendo demorado muito, aparece no Brasil quando o improvável tem sido tão frequente, que o livro de Butler parece ter vindo em boa hora. Ainda mais com a cereja do bolo, a pandemia de coronavírus em 2020, que faz cenas do livro se materializarem. A leitura de uma obra distópica em uma época em que vemos as nossas instituições e formas do estado ruindo poderia nos acalantar? Temos tempo antes de chegarmos a um estado tão caótico do mundo? A julgar pela cena que descrevi no início dessa resenha, não. A fuga das personagens da narrativa de Butler aparenta ser mais emocionante e perigosa. E isso importa? Talvez não. Elas fogem e isso é tudo. A fuga, com todos os seus

riscos e possíveis benefícios, é sempre uma fuga - não é um passeio. É a destruição de um lar, a incerteza de um caminho e de um fim.

O romance recém traduzido de Butler pode ser considerado uma distopia, uma vez que a narrativa é baseada no “estranhamento decorrente de uma hipótese histórica alternativa” (SUVIN, 2010, p. 383 apud FORTUNATO; CAVALCANTI, 2019, p. 84). A distopia de *A parábola do semeador* apresenta para nós uma sociedade descrita em angustiantes detalhes de maneira que podemos reconhecer ali uma possibilidade do nosso futuro a qual deveríamos tentar, a todo custo, evitar. Por outro lado, se, para Claeys (2017, p. 290 apud FORTUNATO; CAVALCANTI, 2019, p. 75), um dos elementos distópicos é o despotismo, isso não encontramos em *A parábola do semeador*; muito pelo contrário, o poder institucionalizado, na forma do estado de direito, não é mais do que uma lembrança antiga. Claire Curtis argumenta que “Butler ambienta suas histórias e novelas em estados de natureza, onde a autoridade política está usualmente ausente. Ela o faz, acredito, ao reconhecer que a paz da sociedade civil é ilusória. A autoridade política é frequentemente causa de insegurança, não garantia de paz” (CURTIS, 2008, p. 413 - tradução nossa).

Seguindo ainda com os argumentos de Curtis, a distopia criada por Butler insiste em ressaltar a “imobilização do medo de viver em um mundo em que você não apenas sabe que vai morrer, mas sabe que vai morrer violentamente, dolorosamente e sozinho” (CURTIS, 2008, p. 412 - tradução nossa). Assim, a narrativa em primeira pessoa de uma jovem negra parte de um contexto em que a paz da sociedade civil não teria existido nunca. No romance, a luta pela sobrevivência já saltara do “black lives matter” para “no lives matter”. Se antes o estado detinha a prerrogativa de matar um cidadão (normalmente cidadãos negros), essa distopia coloca todos na mira, e não mais só do estado, mas de uma população sem governo e armada: uma explosão do “stop killing us”, em que esse “us” agora é todo mundo.

*A parábola do semeador* tem a forma de um relato. Lemos o diário da protagonista, Lauren Oya Olamina, a partir do seu décimo quinto aniversário. “Então, ontem à noite, sonhei com um lembrete de que é tudo mentira” (BUTLER, 2018, p. 12): esse aviso aparece no segundo parágrafo do diário. Lembrem-se, leitores, é tudo mentira. No entanto, esse aviso vai ficando cada vez mais distante, quanto mais avançamos na leitura. Somos entretidos pelo reconhecimento dos destroços do (que teria sido o nosso) mundo. As mudanças climáticas e as desigualdades

sociais foram extremadas. Não há água e não há comida suficientes. As cidades estão tomadas por estupradores, ladrões e arruaceiros de todos os tipos. O estado e as suas instituições quase que se eximiram de qualquer responsabilidade ou possibilidade de ação. Os ricos (cada vez menos numerosos)<sup>2</sup> moram em fortificações extremamente armadas. Lauren nos apresenta os detalhes do sofrido bairro de classe média fortificado em que vive com sua família: seu pai é professor universitário e pastor batista; sua madrasta também era professora universitária e teve quatro filhos homens com o pai de Lauren. Só que o diário tem uma particularidade: ele conta como o lar de Lauren foi destruído.

O leitor dessa resenha poderia agora reclamar de estar recebendo um *spoiler*: a destruição, no entanto, é tão iminente que já começa a se anunciar no primeiro parágrafo, quando Lauren diz “quando me debato dentro de uma prisão pessoal e tento fingir que nada incomum está acontecendo” (BUTLER, 2018, p. 12). Algo incomum de fato está acontecendo, e o diário nos traz vários episódios (às vezes episódios bem pequenos) que demonstram isso. Essa destruição gradativa de um mundo que hoje reconheceríamos como o nosso obviamente teria começado antes da redação do diário. A grande questão para

Lauren (e para nós, por que não?) é reconhecer quando a destruição finalmente a alcançou.

Esse é um dilema comum de personagens das narrativas distópicas. Podemos nos lembrar de June/Offred, em *Handmaid's tale* (*O conto da aia*, romance de 1985, de Margaret Atwood, traduzido em 2017 por Ana Deiró e publicado pela Rocco), contando como assistia o mundo ruir pela televisão; ela não se dava conta que a vida dela também era esse mundo que ruía. Podemos nos lembrar de Shevek, em *The dispossessed* (*Os despossuídos*, romance de 1974, de Ursula Le Guin, traduzido por Suzana L. de Alexandria, em 1997 e publicado pela Aleph), vendo a revolução do povo de Urras na rua, atordoado, sem reconhecer que a revolução era ele. Podemos nos lembrar de Robert Childan, em *The man in the high castle* (romance de 1962, de Philip Dick) vendo o avesso da superfície de seu próprio mundo, enquanto caminhava pelas ruas de São Francisco. Qual é o momento de aceitar ou de reconhecer que a destruição atingiu o seu próprio universo?

Talvez seja essa mesma destruição que nos convida ao texto, incitando a leitura. A narrativa do diário de Lauren, porém, começa nos avisando que é tudo mentira, que há algo de incomum acontecendo, não nos iludamos. Se começamos a leitura aguardando uma destruição iminente,

Lauren nos distrai por anos, três anos, exatamente. O diário começa em 2024, contando sobre a vida da família de Lauren, seus vizinhos e amigos em Robledo, uma pequena cidade a 32 quilômetros de Los Angeles. Tudo rui na vida da protagonista em 2027. O recurso narrativo utilizado é muito engenhoso, pois mantém o suspense por um bom tempo; nós, leitores, apesar de termos sido avisados da destruição logo nas primeiras páginas do livro, acabamos nos afeiçoando àquele bairro e esquecemos que há algo incomum acontecendo, tal como Lauren (em vários momentos) e seus vizinhos esquecem. Nos iludimos desejando a sobrevivência de Robledo diante do caos que assola as imediações de Los Angeles. Entramos em negação, como as pessoas costumam entrar: “Ainda estou aprendendo como as pessoas conseguem ser teimosas na negação, mesmo quando sua liberdade ou sua vida está em jogo” (BUTLER, 2018, p. 152).

E, de repente, quando a narrativa já se transformou em uma sucessão de desgraças, somos surpreendidos pela destruição. Isso não deveria nos surpreender e não deveria surpreender a protagonista, afinal, se o caos estava instaurado em todo lugar, era uma questão de tempo. Mas sim, somos todos surpreendidos e nos vemos, tal como Lauren, conhecendo a fúria da destruição consumindo tudo, toda a região de Los Angeles e depois toda

a Califórnia. Saímos, com a protagonista, em uma fuga pelas estradas do estado, assoladas pela fome, pela desgraça, pela droga, pela violência... e pelo fogo, o agente mais veloz do caos, alimentado pela seca e pelo vício: “As pessoas têm causado mais incêndios para encobrir crimes - apesar de não saber por que elas se dão a esse trabalho hoje em dia” (BUTLER, 2018, p. 178). A droga do fogo - blaze, fuego, flash, fogo do sol, ou, simplesmente, piro - é o crack da multidão enlouquecida. As pessoas queimam tudo e se hipnotizam vendo tudo queimar.

O curioso, todavia, é que se o livro é sobre destruição, por que tem um título tão oposto ao seu próprio enredo? Pois semear seria o avesso de destruir. Ou, ainda, semear e destruir se distanciam igualmente de um ponto fixo, estabelecido a partir do eixo de simetria de uma parábola. De fato, nas imediações do vértice da narrativa, as ações de semear e destruir estão bem próximas, já que os vândalos, que entram no bairro fortificado em que Lauren vive, destroem primeiramente as pequenas hortas que as famílias mantêm em seus quintais: “me surpreendi ao quase chorar quando vi a horta grande e bem cuidada de Cory, nos fundos do quintal, toda destruída. Pimentões, tomates, abóboras, cenouras, pepinos, alface, melões, girassóis, feijão, milho... Grande parte ainda não

estava madura, mas o que não tinha sido roubado fora destruído” (BUTLER, 2018, p. 198).

Há um para-texto que paulatinamente ganha consistência enquanto o mundo de Lauren se desintegra: são os versículos de “A semente da terra”, religião que está sendo criada por ela. É mais uma dimensão da parábola que se desenha: de um lado do eixo de simetria temos a narrativa do diário, do outro temos os versículos de “A semente da terra”; de um lado a destruição, do outro a construção de uma religião, o semear. A existência desse para-texto é um recurso comum nas narrativas distópicas, conforme nos atesta Baccollini (1995, p. 293 apud FORTUNATO; CAVALCANTI, 2019, p. 83): a contra-narrativa desenhada pela religião criada por Lauren materializa a resistência das personagens (ou, no mínimo, da narradora) diante da hegemonia do caos.

Como leitores, tendencialmente nos enveredamos pela narrativa do diário, tomando os versículos como epígrafes que atrasam a urgência da leitura; talvez os versículos funcionem como uma forma de nos desligar do texto, de nos fazer levantar a cabeça, desviar o nosso olhar da página. Podemos nos lembrar de Barthes, teorizando sobre como certos textos exigem que o leitor saia ocasionalmente... é como se a narradora nos impusesse

uma distância que não desejamos tomar, pois a leitura do diário tende a ser frenética, tal como a destruição aparece na narrativa. Há algo que freia esse movimento: são os versículos. Vagos, abstratos, sem uma conexão óbvia com a narrativa, eles desenhavam um movimento mais plácido e aparentemente liberto do frenezinho da narrativa principal. Eles nos forçam a levantar os olhos. Não é para menos, afinal, uma das primeiras conclusões de “A Semente da Terra” é que “*O Destino da Semente da Terra/ É criar raízes entre as estrelas*” (BUTLER, 2018, p. 109).

Para conseguir construir um novo mundo é preciso olhar para fora do caos instaurado nesse: a sagacidade de Lauren rapidamente verifica que se entregar ao vandalismo, como o fez seu irmão Keith, ou partir para um bairro mais fortificado, como fizeram os seus vizinhos Garfield, não são soluções. Assim como aconteceu com Keith, a destruição dos Garfield é uma questão de tempo. A solução só pode estar fora do mundo, fora da parábola: nas estrelas, em outro planeta. A solução para um caos tão intenso não pode ser óbvia nem simples.

E saiu quem semeia a semear. Lauren não era pregadora, como seu pai. Ele semeava sem sair e ela saiu a semear. O pai teve seu paço destruído e, quase por conseguinte, seus fiéis. Enquanto Lauren, forçada a fugir,

não tem outra opção a não ser continuar. Ela mesma nos conta: “Quando meu pai... desapareceu - comecei -, foi a Semente da Terra que me fez continuar. Quando a maior parte de minha comunidade e o resto de minha família foram levados e eu fiquei sozinha, eu ainda tinha a Semente da Terra. O que sou agora, tudo o que eu sou agora é a Semente da Terra” (BUTLER, 2018, p. 325). O significado da fuga serve como alternativa ao plantio; uma forma de empreender alguma coisa é atravessar a grande água, como diria uma máxima do I-Ching.

Tal como os fugitivos que abriram esse texto, Lauren pode carregar poucas coisas. Ela já havia se preparado para fuga e, dentre as poucas coisas que carrega, leva sementes. Mas a principal semente é ela mesma e sua “A Semente da Terra”. Pois todos os pertences estão em risco; possuir alguma coisa (inclusive a vida) já é se transformar em um alvo. Ela consegue congrega um grupo ao seu redor e esse grupo se fortalece através dos passos. Lauren é a semente e potencializa as imagens da parábola do semeador através do grupo em fuga. Uns caíram na beira do caminho e foram devorados; outros caíram nas pedras e tiveram suas raízes expostas; outros caíram entre espinhos e foram sufocados, até que, enfim, os que restaram puderam descansar em uma terra boa.

Para além das desconcertantes relações que podemos estabelecer entre o nosso mundo e o de Lauren, o romance de Butler constrói sua distopia levando em consideração questões de gênero e de raça. A formação de casais interracialis e o risco de ser mulher em uma fuga geram ondas de consequências que se espalham na superfície da narrativa, mas também moldam a personalidade das personagens (e da narradora). A exacerbação da violência, inclusive através da escravidão sexual, engendra riscos e conflitos que são explorados de maneira muito intensa e assustadora. Todas as lojas, por exemplo, são extremamente armadas e a descrição de um momento de compras nos faz ver facetas de um Brasil bem atual:

Aquelas eram lojas pequenas. Havia muitas delas entre as quais escolher. Dentro de algumas, havia guardas normais. Eu não conseguia parar de imaginar quantos acidentes os guardas malucos causavam com suas armas. Acho que, depois do ocorrido, todo acidente virava um assalto à mão armada e a vítima, um assaltante com tendências homicidas claras (BUTLER, 2018, p. 299).

O leitor que queira ler uma narrativa reconfortante pode não se sentir muito à vontade com esse romance de Butler, uma vez que ele segue nos impactando com rastros impressionistas de cenas que se repetem no nosso

mundo. Isso torna ainda mais acertado o *timing* da tradução. Talvez os leitores brasileiros ainda não estivessem preparados para Butler na década de 1990. Talvez então tomaríamos *A parábola do semeador* como um romance de ficção científica, sem que pudéssemos reconhecer sementes do nosso mundo ali em gestação. Hoje, com as sementes já expostas, na beira da estrada, nas pedras e nos espinhos, quem sabe podemos sonhar com as sementes jogadas em uma terra boa... Quem sabe podemos tentar imaginar uma fuga para essa parábola do semeador que vivemos ao nosso modo aqui no Brasil? Fiquemos atentos, entretanto, ao que nos diz Lauren: “Não sei como vai acontecer e nem quando vai acontecer. Há muito a se fazer antes de tudo sequer poder começar. Acho que isso é de se esperar. Sempre há muito a se fazer antes de merecer chegar ao paraíso” (BUTLER, 2018, p. 109).

## REFERÊNCIAS

ATWOOD, M. **O conto da aia**. Tradução de Ana Deiró. Rio de Janeiro: Rocco, 2017.

BARTHES, R. **O prazer to texto**. Tradução de J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 2006.

BARTHES, R. Escrever a leitura. In: BARTHES, R. **O rumor da língua**. Tradução de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Martins Fontes, 2004. p. 26-29.

CURTIS, C. P. Theorizing Fear: Octavia Butler and the Realist Utopia. **Utopian Studies**, v. 19, n. 3, p. 411-431, 2008. Disponível em: <[www.jstor.org/stable/20719919](http://www.jstor.org/stable/20719919)>. Acesso em: 29 Mar. 2021.

DICK, P. K. **The man in the high castle**. Boston/New York: Mariner Books, 2011.

FORTUNATO, P.; CAVALCANTI, I. A distopia do passado em Tupinilândia de Samir Machado de Machado. **Revista de Ciências Humanas**, v. 19, n. 1, p. 73-89, 2020. Disponível em: <<https://periodicos.ufv.br/RCH/article/view/9200>>. Acesso em: 29 mar. 2021.

FORTUNATO, P.; CAVALCANTI, I.. Apocalipse, distopia e utopia em **Oryx e Crake**, de Margaret Atwood. **Em Tese**, v. 24, n. 2, p. 42-59, jul. 2019. ISSN 1982-0739. Disponível em: <<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/emtese/article/view/14149/1125612514>>. Acesso em: 30 mar. 2021.

LE GUIN, U. **The Dispossessed: A Novel**. New York: HarperCollins Publishers, 2003.

LE GUIN, U. **Os despossuídos**. Tradução de Susana L. de Alexandria. São Paulo: Editora Aleph, 2017.

VIEIRA, A. Sexagésima. In: VIEIRA, A. **Sermões: Padre Antônio Vieira**. Organização e introdução de Alcir Pécora. São Paulo: Hedra, 2000. p. 27-52.

*Recebido em: 20/02/2021*

*Aceito em: 31/03/2021*